

O FORUM NO CONTEXTO URBANO DE BRACARA AUGUSTA: O TEMPLO OCTÁSTILO

À antiguidade dá-se vênia para tornar mais augustos os primórdios das cidades pela mistura do humano com o divino...

(Tito Lívio, *Desde a Fundação da Cidade*, prefácio, 7-9.

Trad. da Rocha-Pereira, 2005: 209)

Neste estudo problematiza-se o posicionamento do forum na cidade romana de Bracara Augusta e apresentam-se alguns elementos da cultura material que se julga provirem deste local. O achado de vidros de produção local com a representação de um templo de grandes dimensões e a presença de bases e capitéis de colunas dadas como provenientes da área do forum, permitiram sugerir a existência de um templo octástilo, único no contexto do actual território português.

Palavras clave: *Bracara Augusta; forum; templo octástilo*

In this study, we problematize the positioning of the forum of the Roman city of Bracara Augusta and we present some elements of the material culture we think come from this place. The finding of local production glasses with the representation of a temple of large dimensions and the presence of bases and capitals of columns believed to have come from the forum area, allow us to put forward the existence of an eight-columned temple, unique in the context of the current

Keywords: *Bracara Augusta; forum; eight-columned temple*

Uma das tarefas fundamentais do projecto imperial foi a difusão do modelo de vida urbana, de civilização e progresso, a todos os territórios conquistados. Este foi o caso de *Bracara Augusta*, urbe criada de raiz. Bem a propósito, é interessante citar um passo de Tito Lívio que expôs a origem do povo romano e da fundação de Roma do seguinte modo:

“Entretanto, a cidade crescia, ocupando com as suas muralhas uma extensão cada vez maior, já mais na expectativa de vir a acolher futuras multidões do que os habitantes que então possuía. Em seguida, para não deixar vazia uma cidade tão grande e para atrair uma população numerosa, [Rómulo] valeu-se da velha táctica dos fundadores de cidades, que consistia em reunir à sua volta uma grande multidão de

peçoas de origem obscura e humilde, fingindo que a terra tinha feito brotar para si uma nova raça. E no sítio onde existe agora uma cercadura, na encosta situada entre os dois bosques sagrados, criou um lugar de Asilo. Aí se veio a refugiar, oriunda das povoações vizinhas, uma turba de todo o tipo, constituída por uma amálgama indistinta de homens livres e de escravos, ansiosos por novas oportunidades. E foi este o primeiro reforço da grandeza então iniciada”.

(Tito Lívio, *Desde a Fundação da Cidade*, I. 8.4-6.

Tradução inédita de Delfim Leão.)

Bracara Augusta, à semelhança de Roma, teria certamente proporcionado condições idênticas populações que habitavam a região, levando-as a abandonar os locais de resi-

dência para aderir a um novo projecto, num local sagrado e agraciado com o nome do Imperador. Os planificadores de *Bracara Augusta* architectaram a cidade pensando numa população máxima para o seu projecto. Distribuíram as áreas de acordo com as áreas previstas: casas de habitação, as áreas públicas do *forum*, templos, mercados e edifícios de divertimento. Teriam ainda determinado qual a quantidade de água

que iria ser necessária, o número e o tamanho das ruas, não esquecendo os passeios e a rede de esgotos. Toda a área foi dividida por ruas, formando quadrículas a que chamamos *insulae* com cerca de 150 pés de lado entre os eixos das ruas; estas tinham uma orientação dominante NO/SE e SO/NE e uma largura média entre os 10 e os 12 pés. A largura do *cardo maximus* seria naturalmente maior com cerca de 25 pés. Mas

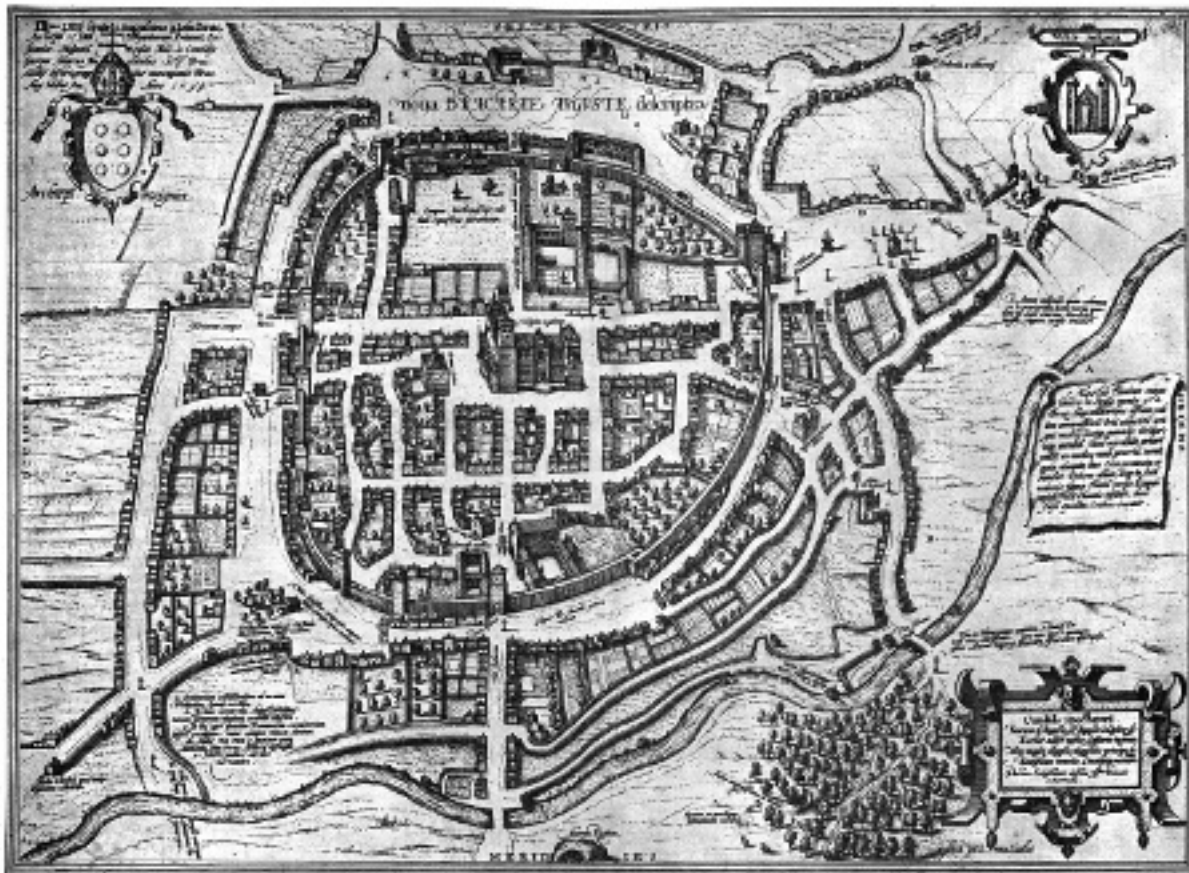
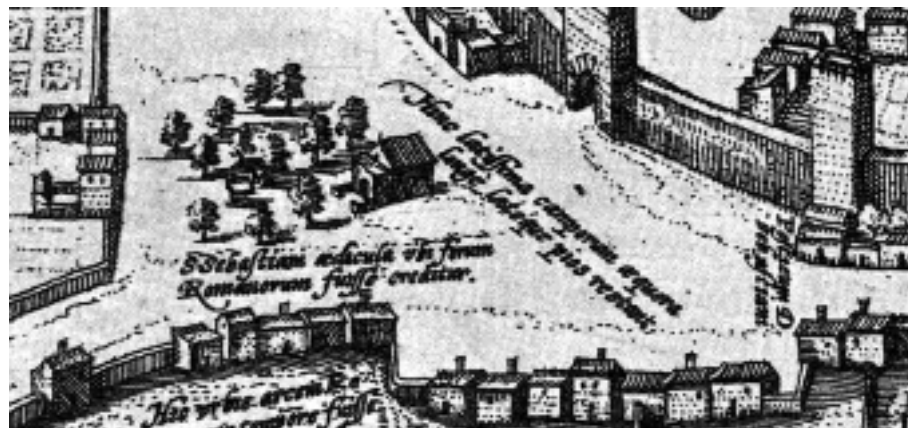


Fig. 1a; 1b. Planta da cidade de Braga atribuída a *Georgius Braun* (1594). Pormenor que indica a possível localização do *forum*.



—como se sabe pela evolução urbanística da cidade— o plano inicial permitiu ainda muita liberdade aos residentes para estes determinarem, consoante os edifícios, o aspecto que *Bracara Augusta* viria a tomar ao longo da sua existência.

Como principal espaço público de uma cidade, o *forum* tinha frequentes vezes uma situação privilegiada no centro da mesma, em articulação com os principais eixos viários, caso dos *cardo* e *decumanus maximus*, e, conseqüentemente, com as vias de acesso à cidade e rede de caminhos secundários. Era assim de fácil acessibilidade para os seus habitantes e os dos territórios circundantes. Esta disposição do *forum* parece reproduzir o esquema dos acampamentos militares, não sendo de todo improvável que a planta ortogonal da cidade possa ter como origem a localização e a orientação de um acampamento anterior, entretanto desmantelado.

A existência de uma malha urbana deve-se, com certeza, ao papel dos militares; o mesmo se poderá dizer em relação ao cadastro e à centurição do território, recentemente documentados (Carvalho, 2008). Ambas, malha regular e cadastro, oferecem uma esplêndida lição de geometria.

Sempre que possível, o *forum* localizava-se na zona topográfica mais adequada de modo a evitar a execução de grandes trabalhos de nivelamento do terreno. Como vimos, relativamente à definição das áreas públicas das cidades, o *forum* estaria em primeiro lugar. Como nos indica Vitruvius, depois de construído o *forum*, deveriam construir-se os edifícios para espectáculos, em particular o teatro (Vitruvius, *De architectura* 5.2.3.). É, no entanto, possível que este espaço começasse por ser um simples espaço ao ar livre onde semanalmente os mercados tinham lugar. O *forum* era o coração da vida cívica. Era aí que se concentravam

todos os signos da dignidade municipal e se exprimia o sentimento da pertença ao mundo romano. Lugar de encontro e de cerimónias, este local assegurava as funções políticas, administrativas, judiciais, religiosas, financeiras e comerciais da cidade.

A única referência conhecida quanto à possível localização do *forum* de *Bracara Augusta* encontra-se numa planta da cidade de Braga publicada nos finais do século XVI (1594) atribuída ao gravador alemão Georgius Braun (mais conhecido, entre nós, por Braunio). Segundo este autor, o *forum* poderia ter existido no lugar onde se erguia a antiga Igreja de S. Sebastião: “*S. Sebastiani aedicula ubi forum Romanorum fuisse creditur*” [Igreja de S. Sebastião onde se julga que existiu o *forum* romano] (figs. 1a; 1b).

Se se aceitar esta localização, o traçado oeste do *decumanus maximus* corresponderia à actual Rua de S. Sebastião, a oeste do *forum*, enquanto o traçado do sector oriental, poderia ser colocado a norte da actual Rua do Alcaide, até ao Largo de Santiago e prolongando-se na Rua dos Falcões. O *cardo maximus* por seu lado, deveria delimitar o lado Este do *forum*, no sentido Norte/Sul nas proximidades da actual Rua Jerónimo Pimentel, seguindo pelo Largo das Carvalheiras até à actual Avenida de S. Miguel-o-Anjo. Na sua parte Sul este traçado passaria pela actual rua dos Bombeiros Voluntários. A antiga praça romana obedeceria a uma proporção de 3:2, de acordo com os cânones vitruvianos - uma grande construção em planta rectangular abarcando seis *insulae*, com cerca de 134,68 x 94,72 metros de lado, o que equivale a cerca de 455 x 320 pés (Vitruvius, *De architectura* 3.1.1.1.).

À semelhança da grande maioria dos casos conhecidos, o *forum* de *Bracara Augusta* estaria situado numa posição de Capitólio, na zona mais elevada da cidade. Como acontece com as grandes praças de hoje, esta praça albergaria estátuas com inscrições honoríficas e evocação de importantes episódios históricos ou façanhas de personagens ilustres. Por razões de índole religiosa, teria também altares.



Fig. 2. Pata dianteira de uma estátua equestre.

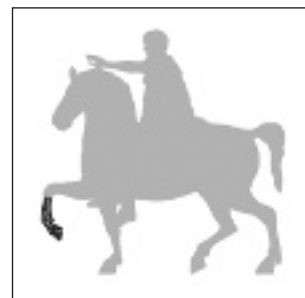


Fig. 3. Posicionamento do fragmento na estátua equestre.

Em Braga foram, até à data, recolhidos alguns desses elementos que julgamos poderem provir da área do *forum*. Referimo-nos, em particular, a um fragmento em bronze de uma estátua equestre e a uma inscrição de uma base de estátua. O facto de estes testemunhos não terem sido encontrados na área onde teria existido o *forum* não nos parece ser de valorizar.

Devemos ter em consideração que no período tardo-romano as estátuas em bronze foram derretidas e, durante séculos, as populações aproveitaram com diferentes fins as pedras esquadradas que iam encontrando abandonadas, em diferentes pontos da cidade, independentemente do seu interesse histórico ou arqueológico.

Exemplo disto mesmo é o caso do fragmento de estátua equestre encontrado numa fase associada ao período baixo-imperial da *domus* das Carvalheiras que ilustra as mudanças que a cidade sofreu ainda nos finais do período romano (fig. 2) (Morais (2002c, 230; Est. VIII, 1-2). Segundo Patrick Le Roux (1996, 369) “teriam existido em Braga magistrados e uma *ordo decurionum* bem como estátuas em honra de personagens importantes, ou de imperadores colocadas em locais de praça pública”. Esta estátua teria sido desmantelada do próprio *forum* para ser derretida e reutilizada para outros fins.¹ A peça apresenta a superfície coberta por uma placagem em folha de ouro aplicada numa superfície previamente preparada com uma matéria adesiva, técnica muito utilizada em estátuas de bronze de época romana. A reconstituição da estátua equestre proposta por César Figueiredo dá-nos uma dimensão aproximada de 1,60 m por 1,60 m, tamanho inferior ao da conhecida estátua de Marco Aurélio em Roma. Esta reconstituição permite-nos saber que o casco direito estaria levantado do solo, numa espécie de ímpeto para o primeiro passo processional (fig. 3).

O pedestal de estátua, correspondente a um bloco de granito rectangular em cuja face superior ainda se vê dois entalhes para a fixação de grampos de metal destinados a unir as restantes peças do pedestal, deveria também fazer parte de uma estátua equestre. Esta inscrição epigráfica interpretada como um pedestal de estátua é, do ponto de vista histórico, muito interessante. De facto, como se depreende da inscrição, a colectividade dos *Bracaraugustani*, certamente à semelhança de outras cidades provinciais, teria erigido uma estátua equestre a um dos netos de Augusto (fig. 4). Não se trata, no entanto, de *Caius* ou *Lucius*, filhos do lugar-tenente *M. Vipsanius Agrippa* que seriam oficialmente adoptados em 12 a.C., aquando da morte deste último. Trata-se antes de *Agrippa Postumus* que à data desta inscrição não estava oficialmente adoptado como sinal de respeito pelo seu lugar-tenente, no sentido de lhe auferir a continuidade do nome de família. Es-



Fig. 4. Parte de pedestal de estátua em honra de *Agrippa Postumus*.

tes dados não seriam relevantes se não soubéssemos que *Agrippa Postumus* foi uma personagem considerada rude e brutal, tendo sido mesmo banido por Augusto, por volta do ano 6 ou 7, para uma pequena ilha chamada Planásia.

Estes factos não seriam relevantes se não soubéssemos que Augusto, como forma de arrependimento, o teria visitado, com um certo secretismo, no ano 13. Nessa ocasião pediu-lhe desculpa e informou-o acerca dos planos para regressar a Roma. Augusto foi acompanhado por um amigo fiel e de longa data, *Fabius Maximus*, obrigando-o a jurar segredo sobre o assunto (Tácito *Anais* I. 5). Por infelicidade, *Fabius Maximus* teria mencionado este acontecimento à sua mulher, Márcia, que, por sua vez, o confidencia a Lívia, mulher de Augusto, atitude que poderá estar associada ao seu descrédito perante o imperador e até, possivelmente, a sua morte (Syme, 1989: 415). O interesse do que acabámos de expor não reside nos pormenores de comportamento e vivência da família imperial, mas no elo de ligação que parece ter existido entre duas destas personagens: *Agrippa Postumus* e *Fabius Maximus*, considerando que aceitamos que este último corresponda ao governador da Citerior, igualmente documentado na cidade de *Bracara Augusta*.

A presença deste pedestal tem igualmente um importante significado económico e de propaganda política revelando que os *Bracaugustani* já eram uma entidade bem definida e com possibilidades de organização que incluíam o custeamento, por expensas próprias, de estátuas a membros da família imperial. Como referiu Patrick Le Roux, a inscrição a *Agrippa Postumus* é de facto anterior à adopção oficial feita por Augusto: *Agrippa Postumus* ainda é dado como *Marci filius* (Le Roux, 1994: 231, nota 10). A sua adopção oficial, juntamente com a de Tibério, apenas ocorrerá entre 2 e 4, como consequência imediata da morte prematura dos jovens príncipes, *Caius* e *Lucius*.

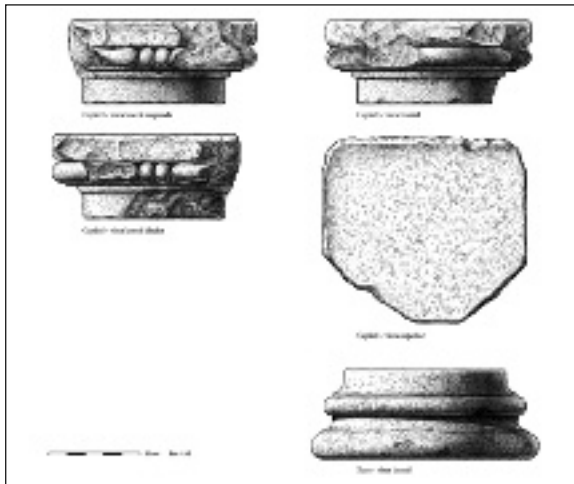


Fig. 5. Desenho de capitel de tipo íonico e base ática provenientes do Largo Paulo Orósio.

Para além dos referidos vestígios, grandes bases de colunas e capitéis de diferentes diâmetros foram descobertos nas imediações do Largo Paulo Orósio (fig. 5), local onde estão também referenciadas duas inscrições honoríficas, uma dedicada ao Imperador Constantino Magno e outra onde se lia a palavra *Galaecia*.

Como iremos ver, é possível que estes elementos de arquitectura possam ter pertencido a um edifício de grandes proporções, situado no *forum*, muito provavelmente o templo máximo da cidade. De acordo com os modelos romanos de arquitectura, a construção de um templo estabelecia as bases para a implantação do *forum*. A maior parte das vezes, a frente dos templos estava orientada a sul ou a este. No caso da cidade romana de *Bracara Augusta* o templo do *forum* deveria estar posicionado a este.



Fig. 6. Elemento dado como proveniente do *forum*.

O único elemento até à data conservado dado como proveniente do *forum*, hoje “esquecido” na Colina da Cividade, está referido no Dicionário “Portugal Antigo e Moderno” publicado por Pino Leal nas últimas décadas do século XIX (fig. 6). Nesta obra encontra-se esta curiosa referência que passamos a transcrever (Leal 1873: 467):

“Supõe-se que o edifício da chancellaria existiu no campo agora chamado de S. Sebastião. É certo que a par da capella que deu o nome a este campo, ha a fonte do mesmo nome, onde se conserva uma pedra, em fôrma de mesa, quadrada, e n’ella a inscrição seguinte:

BRACARA / AUGUSTA / FIDELIS / ET ANTIQUA.

Esta inscrição estava no plano da mesa, e, quando em 1625, se construiu esta fonte, se mandaram mudar as letras, na fôrma em que agora estão, collocando-as em redor da pedra. Argote supõe que a primitiva inscrição só dizia *Bracara Augusta*, e que *fidelis et antiqua*, se mandou pôr para fazer symetria.”

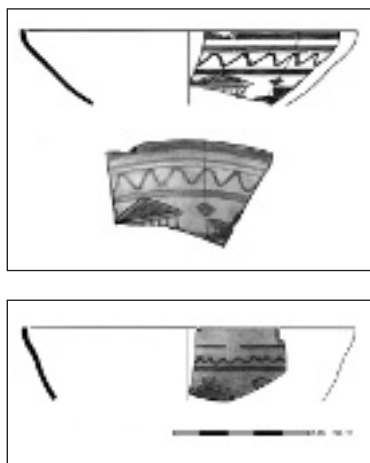
Na acta de uma sessão da Câmara de Braga datada de 6-2-1852, reproduzida por Eduardo Pires de Oliveira (1979, 170), encontramos nova referência a esta peça:

“Foi presente uma participação de que alguns mal intencionados tinham na noite do dia 4 do corrente para o dia 5 deitado ao chão uma mesa grande de pedra do tempo dos Romanos nas Carvalheiras de S. Sebastião. Resolveu-se que o senhor vereador das obras a mandasse levantar.”

A reprodução do local onde se situava este elemento arquitectónico pode ver-se diagrama publicado por aquele autor (id. 195, fig. 2), a partir da obra *Dissertação sobre o Quinto Anno do Tribunicio Poder do Imperador Romano Caio Júlio Vero Maximino, indicado, contra os dictames dos chronologos, em Inscripções Lapidares, existentes nas Províncias do Norte de Portugal*, publicada na *Revista Litterária*, Porto, 2, 1838, 197.

Na obra *Memórias de Braga*, publicada por Senna Freitas em 1890, refere-se um curioso achado igualmente recolhido no local do *forum* romano. Aí teria sido encontrada, em 1620, uma estatueta do deus Mercúrio com placagem de ouro quando se procedia à construção de um muro de suporte para conter o desnível de uma das plataformas onde se situa a igreja. Seria esta a imagem tutelar do templo do *forum*? O importante papel económico e comercial da cidade é neste aspecto muito sugestivo...

Fig. 7a; 7b. Fragmentos de taças arqueadas em vidro de produção local com a representação de um templo octástilo.



Apesar desta área ainda não ter sido escavada com o propósito de identificar antigas estruturas do *forum*, os dados da cultura material até à data reunidos permitem supor a existência de um templo de enormes dimensões, com oito colunas de frente. A existência deste templo foi inicialmente sugerida por dois fragmentos de vidro de produção local que ilustram parte de um edifício com tais características.

Como nos dias de hoje, em particular em locais de santuários, é costume representar-se os edifícios de culto em copos ou outro tipo de suportes em vidro. E também não é nenhuma novidade que esta tradição já remonta ao mundo romano, conhecendo-se uma série de vidros em cuja decoração se representava os edifícios mais emblemáticos das cidades. Estes vidros são autênticas fontes documentais para o estudo da topografia das cidades, como no caso dos conhecidos vidros produzidos em Putéolos nos sécs III e IV. De entre estes destaca-se um fragmento encontrado em Óstia em cuja decoração se vê parte de um templo ladeado por dois pórticos com inscrições, onde respectivamente se lê STRATA... e DECATR... Como oportunamente referiu A. Balil este fragmento encontra paralelo num exemplar conservado no Museu Nacional de Praga que permite reconstituir as inscrições como STRATA POS. FORV. e THEATRIV. DECATRIA (Balil 1964: 170). Outros vidros de Putéolos têm inscrições dedicatórias e representações do porto e de edifícios públicos. Crê-se que, como nos dias de hoje, estes vidros eram levados como recordação pelos visitantes. Refira-se, ainda, os exemplares encontrados na antiga cidade de Populonia e nas catacumbas dos arredores de Roma e, na Península Ibérica, em Ampúrias e Odemira (Vigil Pascual 1969: 159-161, figs. 143-145).

Os dois fragmentos de vidro encontrados em *Bracara Augusta* correspondem a taças arqueadas de perfil em S, as segundas formas de produção local mais abundantes (figs. 7a;



Fig. 8. Vaso cilíndrico em vidro de Clunia de fabrico bracarense com arcarias e templo octástilo.

7b) (Cruz 2001, 60). O exemplar recolhido nas escavações das Cavalariças (R. dos Bombeiros Voluntários), tem uma cor verde amarelada escura e o fragmento das Termas do Alto da Cidade, é de cor verde acastanhada. Este tipo de taças possui uma cronologia de produção/circulação, que se inicia nos finais do século III e se mantém em uso até ao século V. Na cidade este tipo de taças são particularmente abundantes no século IV, especialmente entre as décadas de 40 a 80.²

Sob o ponto de vista do urbanismo e da topografia da cidade, interessa-nos observar o exemplar mais completo recolhido nas Termas. Neste fragmento vê-se, com algum pormenor, a representação de um templo octástilo que (pelas dimensões que estes edifícios tinham) julgamos poder corresponder ao templo do *forum*.³

Consideremos também um conhecido vaso cilíndrico encontrado em Clunia (fig. 8) (Palol 1991: 347-354, Pl. CLXXXIX). Segundo Mario da Cruz, basta observar cuidadosamente os motivos decorativos presentes neste vidro, – como o friso de volutas junto ao bordo, os motivos vegetalistas (cacho de uvas e palmas), arquitectónicos (templo, arcarias e janelas), astrais (sol) e as letras representadas por um crísmo com um ómega– para reconhecer fortes afinida-

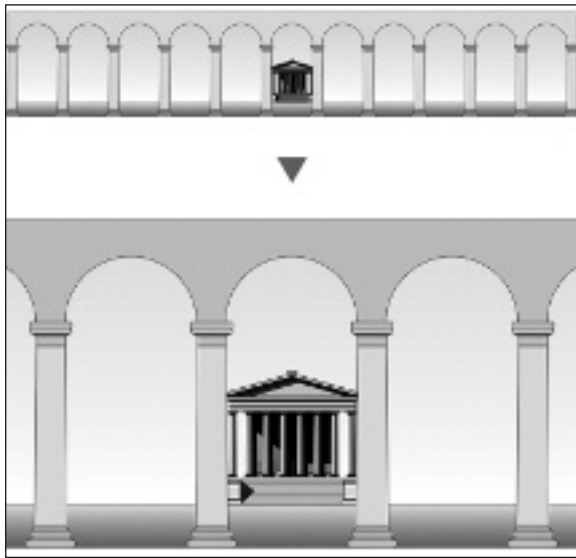


Fig. 9. Representação esquemática das arcarias e do templo octástilo do vidro de Clunia.

des com os exemplares produzidos na cidade romana de *Bracara Augusta* (Cruz, 2008). Segundo este autor, a homogeneidade deste tipo de vidros, que a nível morfológico, como tecnológico e artístico, só se explica pelo facto de terem a mesma origem bracarense, supondo, sem excepção, que tenham sido produzidos nas mesmas oficinas e possivelmente pelo mesmo artesão.

Para o tema que nos interessa, deve atentar-se na decoração do vidro de Clunia a presença do conjunto de onze arcos, sustentados por colunas com finos capitéis unidos por uma arcaria (fig. 9). Pensamos que esta representação corresponde a um dos pórticos da basílica, situada num dos lados curtos do

forum, posicionados no lado oposto do grande templo octástilo, curiosamente aqui também representado; repare-se, em particular, no que parece ser a representação de janelas, integradas no espaço do intercolúnio das oito colunas da fachada do templo. Esta disposição do *forum* obedece às concepções vitruvianas: uma praça rodeada por pórticos, estruturada de acordo com regras modelares de composição. Como elemento comparativo damos o exemplo da praça do *forum* de Volubilis, sítio arqueológico em Marrocos, onde ainda se conservam as arcadas do pórtico da basílica, datada dos finais do século II e os inícios da centúria seguinte (fig. 10). No caso de *Bracara Augusta*, a disposição da praça corresponde ao modelo mais popular adoptado a partir do período de Augusto, ou seja, um plano alongado cujo eixo central era dominado pela fachada principal do templo que definia a axialidade, a simetria e a frontalidade de toda a praça.

Se pensarmos que a imagem do templo representado nos vidros é a do *forum* da cidade, este seria, como referimos, octástilo e muito provavelmente díptero, como na sua grande maioria (figs. 11, 12).⁴ Os modelos para este tipo de edifícios são os dos *fora* de César e de Augusto, em Roma.⁵ A existência de outros templos que seguem os exemplos da capital demonstra que existiu uma vontade oficial na transmissão de novos estilos de modelos arquitectónicos. A comprová-lo temos a existência de oficinas itinerantes especializadas, vinculadas aos imperadores em, pelo menos, três momentos históricos distintos –principados de Augusto, Trajano e Adriano– como modo de propaganda imperial e de satisfação das exigências de auto-representação das elites urbanas (Márquez 2004, 109). É assim possível pensar-se que o templo octástilo de *Bracara Augusta* possa ter paralelos aproximados noutros templos octástilos, cuja inspiração parece assentar no modelo do templo do *forum* de Augusto.⁶ Na Hispânia conhecem-se alguns



Fig. 10a; 10b. Fotografias do pórtico da Basílica da cidade romana de Volubilis (Marrocos).



Fig. 11. Proposta de reconstituição do templo octástilo de *Bracara Augusta*. Alçado principal (César Figueiredo). Esc. 1:100.

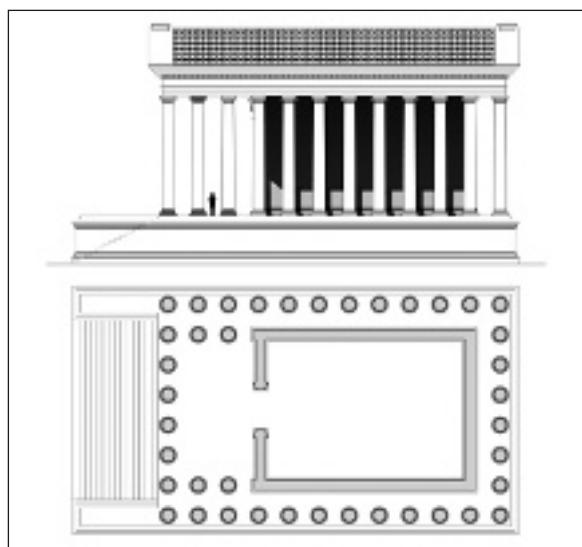


Fig. 12. Proposta de reconstituição alçado lateral direito e planta (César Figueiredo). Esc. 1:100.

exemplos de templos octástilos: a capital provincial, *Tarraco*, parece ter possuído não um mas dois templos com estas características. Tal como em Braga, a sua descoberta foi inicialmente sugerida a partir de elementos da cultura material, neste caso em moedas. Nessas moedas vê-se dois tipos distintos de templos octástilos: um templo sobre *podium*, ao qual se acedia por meio de uma escadaria central e um outro que assentaria numa plataforma escalonada à moda helénica.⁷ Na opinião de Patrizio Pensabene (2004, 177-178), o exemplo de *Tarraco* foi seguido por muitas cidades na Península durante o reinado de

Tibério, ou pouco depois dele. Mais tarde, durante o reinado de Trajano, foi construído um outro templo octástilo, desta vez períptero, elevado sobre um alto pódio, na *Colonia Aelia Augusta Italica*.⁸ Trata-se, até à data, do único templo octástilo arqueologicamente documentado *in situ* na Península Ibérica.

RUI MORAIS
Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
rmoais@uaum.umunho.pt

AGRADECIMENTOS

Infografias e tratamento de imagens de César Figueiredo.

NOTAS

1. Para este exemplar encontramos um paralelo recolhido no *forum* da cidade romana de *Ruscino*, situada junto à actual cidade de Château-Rousillon, nas proximidades de Perpignan (nos Pirinéus Orientais). A posição ideal desta estátua no *forum* daquela cidade pode ser apreciada na proposta de reconstrução axonométrica deste espaço, a partir da perspectiva sudoeste (Barruol e Marichal 1987, 47, 50-52, figs. 6-8).
2. O fragmento recolhido nas Termas está bem datado pois provém de uma unidade estratigráfica (U.E. 66), interpretada como de enchimento/entulhamento da área 36, datada da segunda metade do século IV (Martins 2005, 126).
3. Templo com oito colunas na frente.
4. Com dupla fileira de colunas (Vitruvius *De architectura* 3.2.7).
5. O primeiro, datado dos finais do ano de 48 a. C., corresponde a um templo octástilo e períptero *sine postico* dedicado ao culto de *Venus Genetrix*, a mítica progenitora da *gens Iulia*. O segundo, concluído pouco depois do ano 2, é igualmente representado por um templo octástilo.
6. Como pôde ser demonstrado num interessantíssimo estudo de Marshall (2006, 53-64), baseado em cálculos geométricos e matemáticos, o projecto arquitectónico deste *forum* foi concebido para servir de exemplo. De entre outros aspectos, realça que a área rectangular do *forum*, com cerca de 194 pés, é comparável aos 200 pés do rectângulo inicial de um acampamento militar. Ainda segundo o autor, é plausível que Augusto, o General, se pudesse rodear de técnicos familiarizados com as técnicas militares. no desenho do *forum*. Esta concepção parece ir de encontro às palavras de Vitruvius (*De architectura* 1, 1, 17) quando implicitamente considera a arquitectura e a matemática como dois graus de um mesmo ramo de formação
7. De acordo com um estudo apresentado por Patrizio Pensabene e Ricardo Mar (2004, 83), estes templos teriam frisos de idênticas dimensões mas distanciados cronologicamente alguns decénios. Segundo estes autores, o segundo templo estaria muito provavelmente situado no alto da colina, a grande distância do *forum* provincial, no sítio da actual Catedral. Tácito (*Anais* I, 78) refere que este templo teria sido consagrado ao *Divus Augustus*, após a sua morte e posterior consagração. Para o efeito, os habitantes pediram autorização ao novo imperador, Tibério, que lhes concedeu.
8. Com uma fila de colunas a toda a volta.

BIBLIOGRAFIA

- BALIL, A. (1964). Varia hellenístico-romana. *Archivo Español de Arqueologia*, XXXVII, 109-110, BARRUOL, G.; MARI-CHAL, R. (1987). Le Forum de Ruscino. *Los foros romanos de las provincias occidentales*. Madrid, 45-54.

- CARVALHO, H. (2008). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Universidade do Minho. Policopiado.
- CRUZ, M. (2001). *Vidros romanos de Bracara Augusta*. Braga (Tese de Mestrado policopiada).
- CRUZ, M. (2008). *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Braga. (Tese de Doutoramento policopiada).
- LE ROUX, P. (1994). *Bracara Augusta: ville latine. Trabalhos de Antropologia e Etnografia (1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. VI)*. Porto, 229-241.
- LE ROUX, P. (1996). Las ciudades de la *Callaecia* romana durante el Alto Imperio. *Gerión*, 14, 363-379.
- LEAL, A. S. A. P. (1873). *Portugal antigo e moderno: dicionário*. vols. I e II. Livraria Editora. Lisboa.
- MÁRQUEZ, C. (2004). *Baeticae Templi. Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del Occidente Europeo. Estudios Arqueológicos* (Reunión celebrada en Tarragona, 12-14 diciembre 2002). Tarragona, 109-127.
- MARSHALL, D. J. P. (2006). Origins of an Obsession. *Nexus Network Journal*, 8 (1), 53-64.
- MARTINS, M. (2005). As termas romanas do Alto da Cidade. *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas* (1). Braga.
- MORAIS, R. (2002c). O tesouro romano, em prata, de *Bracara Augusta*. *Conimbriga*, 41, 219-235.
- PALOL, P. (1991). Un vidrio tallado, com temas cristianos, de Clunia, *Clunia 0. Studia Varia Cluniensia* (ed. Pedro de Palol et al.). Burgos, 347-354.
- PENSABENE, P. (2004). Roma e le capital provinciali. Contributi per lo studio dell'architettura e della decorazione architettonica in marmo nella Hispania romana. *Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del Occidente Europeo. Estudios Arqueológicos* (Reunión celebrada en Tarragona, 12-14 diciembre 2002). Tarragona, 175-199.
- PENSABENE, P.; MAR, R. (2004). Dos frisos marmóreos en la Acrópolis de Tarraco, el Templo de Augusto y el complejo provincial de culto imperial. *Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del Occidente Europeo. Estudios Arqueológicos* (Reunión celebrada en Tarragona, 12-14 diciembre 2002). Tarragona, pp. 73-86.
- ROCHA PEREIRA (2005). *Romana Antologia da Cultura Latina*. Lisboa, 209.
- VIGIL PASCUAL, M. (1969). El vidrio en el mundo antiguo. *Biblioteca Archaeologica - VII. Instituto Español de Arqueología (C.S.I.C.)*. Madrid, 158-161.
- VITRÚVIO, *De architectura*.

